

Narrativa jornalística esportiva contemporânea e imaginação melodramática: uma reflexão teórica

Contemporary sports journalistic narrative and melodramatic imagination: a theoretical reflection

Fabiana PELINSON¹

Constantino Ribeiro de OLIVEIRA JUNIOR²

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão teórica acerca das narrativas jornalísticas esportivas contemporâneas e suas relações e aproximações com a imaginação melodramática, especificamente a partir da moral oculta e de um modo (ou cultura) do excesso. A partir de pesquisa exploratória, em caráter ensaístico, entende-se que o jornalismo esportivo, por vezes, filia-se à imaginação melodramática uma vez que está pautado no excesso e em tudo o que este implica – como a apresentação de modelos de virtude e vilania, o engajamento sentimental e as reações sentimentais e sensoriais. Utiliza-se, pois, das indulgências de um forte emocionalismo, das polarizações e das expressões demasiadas e extravagantes ao noticiar os fatos esportivos.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Imaginação melodramática. Narrativa.

Abstract

This article presents a theoretical reflection about contemporary sports journalistic narrative and its relations and approaches to the melodramatic imagination, specifically from the hidden morality and in a way (or culture) of the excess. From an exploratory research, in an essay character, it is understood that the sports journalism sometimes joins the melodramatic imagination, since it is based on excess and everything that implies it – as the presentation of virtue models and villainy, the sentimental engagement and the sentimental and sensory reactions. It uses, therefore, the indulgences of a strong emotionalism, of the polarizations and too much and extravagant expressions when noticing the sportive facts.

Keywords: Sportive Journalism. Melodramatic imagination. Narrative.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do grupo de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade. E-mail: fabianapelinson@gmail.com

² Doutor em Educação Física (Unicamp). Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenador da Linha de Esporte, Lazer e Sociedade. E-mail: constantinojr@uol.com.br

Introdução

Pensar o jornalismo e sua feitura consiste em refletir acerca de como os fatos sociais são construídos e as histórias, cotidianamente, são (re)contadas. O jornalismo, entendido como atividade que produz sentidos, não se constitui como lugar neutro ou de passagem (BORELLI, 2005), mas como construtor de realidades, estabelecido por relações entre atores e campos sociais. De tal modo, entende-se as notícias como produtos culturais (MOTTA, 2002) que, ao mesmo tempo em que narram os fatos relatados, constroem a realidade social re-significando-a por meio de elementos presentes no universo cultural.

Alguns teóricos da Comunicação (TRAQUINA, 1999; BACCEGA, 2007; MOTTA, 2005a; 2005b) têm se debruçado sobre o fazer jornalístico, especialmente no que concerne à interferência de estruturas e elementos narrativos no processo de construção noticioso. Buitoni (2000, p. 63), por exemplo, considera que “a forma narrativa de se relatar um fato é a matriz primordial do texto jornalístico moderno”. Além disso, os trabalhos de Motta (2005a; 2005b) compreendem as narrativas como dispositivos argumentativos no jornalismo, onde a realidade factual atua como referente. Essa percepção de uma narrativa jornalística também encontra apoio nas teorias construcionistas do jornalismo, conforme afirma Traquina (2005). Tais teorias reconhecem as notícias como narrativas, marcadas pela cultura jornalística – seus recursos e suas formas de pensar e fazer – e pela cultura social em que estão inseridas.

A construção do acontecimento noticioso é, para Traquina (2008, p. 42-43), uma prática complexa que envolve saberes de reconhecimento – identificam quais os acontecimentos que possuem valor como notícia –, saberes de procedimento – “orientam os passos a seguir na recolha de dados” para a elaboração da notícia –, e saberes de narração – compilam as informações e as unem numa narrativa noticiosa.

Nesse processo, os aspectos narrativos sugerem uma contraditória convivência entre a objetividade e a subjetividade na comunicação jornalística. Embora o jornalismo possua um compromisso com a veracidade e com a apuração dos fatos, recorre às estruturas e elementos ficcionais para urdir seus discursos. Deste modo, embora o jornalista opere um processo de de-subjetivação do real, o texto jornalístico “organiza

suas temporalidades, seus personagens e suas causalidades lançando mão dos mesmos recursos de que dispõem as narrativas da imaginação” (VOGEL, 2005, p. 4).

Valendo-se do fático, mas também de elementos para causar efeitos sensitivos, a narrativa jornalística é entendida como um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido, de modo a construir histórias de forma narrativizada, dramatizada e folhetinizada. Ou seja, a narrativa jornalística “procura sempre vincular os fatos do mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos” (MOTTA, 2005a, p. 9). É, pois, “polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, *realia* e poética” (ibidem).

Esses efeitos de sentido são, em maior ou menor grau, intensificados pelas narrativas noticiosas melodramáticas que exploram o caráter dramático dos fatos, as cenas emotivas e uma visão de mundo maniqueísta. Nesse sentido, alguns trabalhos (OLEGÁRIO, 2015; RIBEIRO; SILVA, 2014; BOLDRIN, 2015) têm demonstrado a utilização de arquétipos e estruturas pertencentes ao melodrama readequados à realidade construída pelos meios de comunicação. Tais características – dramatização, personificação e oposições simplificadoras – são recorrentes nas narratividades do jornalismo esportivo contemporâneo brasileiro (COSTA, 2011, 2010).

Com vistas a desenvolver um estudo sobre o jornalismo esportivo³ contemporâneo e o melodrama, assumimos como objetivo geral apresentar as relações e aproximações da imaginação melodramática e a narrativa jornalística esportiva, a fim de refletir acerca da construção da notícia imbuída de uma moral oculta e de um modo (ou cultura) do excesso.

Imaginação melodramática

Peter Brooks (1995) discute, em sua obra, o conceito de imaginação melodramática e apresenta um resgate epistemológico a respeito da conceituação do melodrama e da sua utilização em diferentes espaços. Para o autor, o conceito de

³ Embora utilize-se o termo “jornalismo esportivo” ou “imprensa esportiva” é evidente que, no Brasil, o futebol masculino é o esporte que detém mais espaço no noticiário. Segundo Helal, Cabo e Marques (2009), o futebol ocupa um significativo espaço esportivo e isso faz com que os meios de comunicação cubram quase que exclusivamente o futebol e se “esqueçam” dos outros. Por isso, utiliza-se aqui exemplos do jornalismo esportivo brasileiro relacionado ao futebol masculino.

imaginação melodramática permite pensar o melodrama não apenas enquanto um gênero, mas como uma imaginação transgênerica que ultrapassa barreiras de formatos e escolas.

Base para a cristalização do melodrama enquanto gênero narrativo, a imaginação melodramática amplia as possibilidades de reflexão acerca das narrativas e permite a análise destas para além das delimitações dos gêneros. Dessa maneira,

narrativas fora do escopo do gênero melodrama podem ser consideradas em sua relação de diálogo com a imaginação melodramática. Diálogo que se processa ao colocar em cena questões implicadas nas narrativas do melodrama – ou seja, de uma esfera privada trazida a público e de uma pedagogia moralizante – com semelhanças em seu regime de estruturação – isto é, em um processo de reapropriação de algumas estratégias de ativação das afetações colocadas em cena nas narrativas melodramáticas (BALTAR, 2007, p. 90).

Com a ampliação da noção de melodrama, entendendo-o enquanto imaginação, Brooks (1995) propõe que essa está pautada no excesso e em tudo o que este implica – como a apresentação de modelos de virtude e vilania e as reações sentimentais e sensoriais. Inclui as indulgências de um forte emocionalismo, as polarizações e esquemas morais e as expressões demasiadas e extravagantes (BROOKS, 1995, p. 11-12).

Em síntese, Brooks (1995) entende que a imaginação melodramática extrapola barreiras ou classificações e remete a uma postura adotada pelos indivíduos. Refere-se a um olhar direcionado ao mundo e aos personagens moldado sob uma oposição valorativa (como bem contra o mal), também pautada no excesso. Em outras palavras, o conceito diz respeito a percepções de mundo na modernidade que ultrapassa a visão do melodrama como gênero. Conforme Baltar (2007, p. 90), “pode-se falar, então, de uma ampliação no conceito que leva em conta a dimensão histórica e estética do melodrama para formular as possibilidades de um diálogo intertextual”.

Conceituando o drama como uma “história parabólica, excitante e excessiva a partir de coisas banais da realidade”, Brooks (1995) aproxima sua visão acerca da imaginação melodramática desta mesma definição e acrescenta a “polarização absoluta da moralidade”, o “maniqueísmo tácito”, e a ideia da moral oculta [*moral occult*] e de

modo (ou cultura) do excesso [*mode of excess*] como elementos para o entendimento da imaginação melodramática (BROOKS, 1995, p. 4).

A moral oculta e a cultura do excesso

O centro do interesse melodramático reside na moral oculta (BROOKS, 1995). De acordo com Brooks (1995), a moral oculta indica o uso subliminar das categorias do melodrama amparadas em um tempo e espaço que detém uma moral, isto é, um conjunto de valores pré-existentes. Não justapõe juízos de valores, mas utiliza os já existentes, reforçando-os.

De tal modo, Brooks (1995, p. 15) compreende a moral oculta como um ensinamento ou uma advertência presente nas narratividades melodramáticas, a fim de orientar o público e “separar aquilo que lhe pode ser bom ou mau”. Isso quer dizer que a moral oculta se aproxima da conhecida e fabular “moral da história” (RIBEIRO; SILVA, 2014). No caso do jornalismo, é na construção noticiosa com o uso de histórias paralelas e de criação de personagens vilânicos e heroicos que a moral oculta se desvela.

O modo ou cultura do excesso na imaginação melodramática pode ser evidenciado pela dramatização das palavras e gestos, a partir da intensidade e da polarização dos sentimentos. Nas palavras de Brooks (1995):

O desejo de expressar tudo parece ser uma característica fundamental do modo melodramático. Nada é poupado porque nada deixa de ser dito; os personagens permanecem no palco e expressam o que é indizível, dão voz aos seus sentimentos mais profundos, dramatizam através de falas e gestos intensificados e polarizados (BROOKS, 1995, p. 4, tradução nossa).

Referindo-se, pois, a algo de extremo emocionalismo e sentimentalismo, a cultura do excesso dá “plena expressão às paixões ampliadas, as intensidades de amor e ódio que residem profundamente (ou não tão profundamente) dentro de todos nós” (SINGER, 2001, p. 51, tradução nossa). Dessa forma, utilizando-se de elementos e estruturas de uma narrativa melodramática torna-se os fatos e as histórias mais espetaculares e romanceadas.

Essa cultura do excesso, conforme Martín-Barbero (2001, p. 178), vincula o melodrama a uma estética que tende ao esbanjamento, o que envolve desde uma “encenação que exagera os contrastes visuais e sonoros até uma estrutura dramática e uma atuação que exibem descarada e efetivamente os sentimentos, exigindo o tempo todo do público uma resposta em risadas, em lágrimas, suores e tremores”.

As narratividades do jornalismo esportivo e a imaginação melodramática: inter-relações

O conceito de imaginação melodramática, desenvolvido por Brooks (1995), amplia as possibilidades de reflexão acerca das narrativas que não se circunscrevem à literatura e à ficção, como é o caso do jornalismo esportivo.

A estética melodramática assume como características o exagero emocional, a dramatização, a representação maniqueísta da realidade e a revelação de uma moral oculta centrada na expulsão e punição do mal e no reconhecimento da virtude (BROOKS, 1995). Embora os temas e as históricas sejam modificados, estas características, próprias da estética do melodrama, permanecem inalteradas e, inclusive, se infiltram, como elemento constitutivo de um imaginário, em diferentes espaços e formas, como no jornalismo esportivo. Isto quer dizer que a permanência de tais características não se vincula ao melodrama, enquanto gênero teatral, mas enquanto imaginação melodramática.

Fazendo uso de estruturas narrativas próximas ao melodrama, os fatos esportivos são contados pelo jornalismo contemporâneo privilegiando certos aspectos, como

[...] o exagero nas expressões de sentimentos, temas e conflitos, característicos ao melodrama, acrescidos da estrutura digamos atualizada do folhetim, isto é, fragmentação do texto, um certo suspense, frases simples, pessoas que se tornam personagens, imagens que direcionam o olhar do receptor e facilitam a compreensão da notícia, tudo numa mescla de códigos, vinculada a um processo de identificação e onde o imaginário prevalece (LANZA, 2008, p. 89).

Do mesmo modo, Costa (2010) assegura que o jornalismo esportivo brasileiro é uma porta aberta para a narrativa melodramática. Reconhece-se que a narrativa jornalística esportiva em muito tangencia a estrutura do melodrama, uma vez que a

história é, muitas vezes, contada aos pedaços (seriação); há o envolvimento do repórter/narrador na própria narrativa; o registro de muitos personagens (os principais, como atletas e seus técnicos, e os coadjuvantes, como massagistas e roupeiros) e de diversos núcleos narrativos; apresentam-se oposições simplificadoras e uma visão de mundo maniqueísta, que divide o certo e o errado, o vilão e o herói; e há a recorrência ao drama e a emotividade (SOUSA JUNIOR, 2006).

Nesse sentido, ao ancorar-se em aspectos como o exagero nas expressões de sentimentos e um empenho incessante na busca por vilões (quando da derrota) é possível afirmar que o jornalismo esportivo contemporâneo, por vezes, constrói a notícia visualizando-a tal qual a imaginação melodramática o faria, isto é: uma narrativa permeada por uma moral oculta e por um modo (ou cultura) do excesso.

Em relação à moral oculta, na narrativa jornalística esportiva esta apresenta-se ao reportar os fatos eivados de lições, julgamentos e direcionamentos, e a partir da personificação dos atletas (BROOKS, 1995). Costa (2008) evidencia que essas narrativas geralmente trazem à cena as mesmas situações, explicações e ensinamentos.

Claro que cabem algumas atualizações, mas a estrutura básica se mantém há mais de 50 anos, desde o Maracanazo: a derrota tomada como sinal de que nos faltou algo; investigação dos motivos que estão por trás do fracasso em campo; revelação dos problemas internos como brigas, excesso de confiança ou algo parecido; procura pelos culpados da derrota que geralmente são técnicos, zagueiros ou goleiros; esquadrinhamento dos problemas externos ao campo relativos à organização do futebol nacional em sua totalidade; atribuição de sentido moral às possíveis falhas dos jogadores e à atuação da seleção em conjunto; atribuição de sentido pedagógico à derrota, ao compreendê-la como uma lição que deve ser aprendida (COSTA, 2008, p. 41).

As narrativas esportivas, especialmente no que se refere à derrota, buscam responder o porquê do resultado negativo. Geralmente, segundo Costa (2010), possuem um caráter inconclusivo com o intuito de manter o suspense e a expectativa do público. Essa busca por respostas e a investigação das razões que levaram ao fracasso permeiam as narrativas jornalísticas, que mantém sempre a possibilidade de tornar público novos fatos, depoimentos e eventos que revivam e recriem outras polêmicas, e que servem ao propósito de compreender a derrota como uma lição a ser aprendida.

Assim, a respeito da moral oculta nas narrativas do jornalismo esportivo contemporâneo, destaca-se a atribuição de sentido pedagógico aos eventos esportivos, tanto em relação às derrotas quanto às vitórias, entendendo-as enquanto lição a ser aprendida, enquanto ensinamento.

A capa do jornal Folha de S. Paulo⁴, um dia após o 7x1⁵, apresenta alguns fragmentos textuais de seus colunistas que evidenciam a moral oculta da narrativa jornalística esportiva acerca da derrota. Juca Kfori afirma: “Goleada espantosa ensina que humilhação dói menos que golpe inesperado, como o de 1950” e Antonio Prata segue na mesma direção: “Se para algo servir o massacre, que seja para passarmos a acreditar menos na mágica e mais no trabalho”. Assim como Rosely Sayão, que aponta: “É hora de apoiar as crianças, acolher o choro e mostrar que o erro é uma oportunidade de aprendizado”.

Ainda, a moral oculta da qual se constitui a imaginação melodramática assume como função “separar aquilo que lhe pode ser bom ou mau” (BROOKS, 1995, p. 15). No intuito de fazer essa separação e de transparecer algum ensinamento, ocorre a personificação dos indivíduos em figuras heroicas ou vilânicas. Andrade (2003, p. 54) salienta que qualquer gesto ou palavra “é visto como carregado do conflito entre as luzes e a escuridão, entre a salvação e a danação”, entre o bem e o mal.

A construção de personagens heroicos e vilânicos faz parte das narrativas jornalísticas, especialmente das esportivas relacionadas ao futebol. Em diversos estudos (GUEDES, 1995; HELAL, 2003) verifica-se a influência dos discursos jornalísticos na criação de um imaginário coletivo que associa determinado jogador à uma figura heroica, por exemplo. Nesse sentido, entende-se que os discursos jornalísticos tanto elaboram quanto reforçam crenças, mitos, valores e representações referente não só ao subcampo do futebol, mas também a outros espaços sociais.

Motta (2005b) entende que os personagens esportivos retratados pelo jornalismo operam uma circulação permanente entre o mundo da identificação e da projeção e suscitam simpatias, paixões, dores e angústias. Embora a construção de um

⁴ **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 jul. 2014. Disponível em:

< <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/09/2/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

⁵ Derrota da Seleção Brasileira de Futebol por 7x1 para a Seleção Alemã, na semifinal da Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil no dia 8 de julho de 2014.

determinado personagem envolva uma dimensão de pesquisa e apuração, essa construção também mobiliza a subjetividade do jornalista.

Especialmente em relação aos vilões, entende-se que nas narrativas jornalísticas estes são substanciais, pois condensam parte da carga dramática conferida às histórias esportivas, especialmente às derrotas. Carregado de valores considerados ilegítimos, o eleito a vilão passa a causar estranhamento e rejeição, sentimentos negativos que são potencializados pelos discursos jornalísticos melodramáticos. Dentro ou fora das quatro linhas, todos os atos e atitudes do atleta, entendido como vilão, são “interpretados sob a luz de uma enorme intolerância com a perda da partida e, por isso, seus mínimos deslizes correrão o risco de se transformarem em erros fatais e, até mesmo, irremissíveis”, pois serão compreendidos como a causa do fracasso (COSTA, 2008, p. 12).

Os vilões são assim consagrados diante de uma derrota ou de um acontecimento negativo, que resulta de um processo de culpabilização. Nesse sentido, Costa (2012, p. 4) percebe que há uma constante referência “à troca de acusações e uma ânsia pela busca de culpados”, uma vez que as recepções da derrota costumam recorrer à representação da justiça. Esse aspecto fica em evidência, segundo a autora, no constante investimento do jornalismo esportivo em configurar uma espécie de tribunal para que os possíveis culpados pela derrota e/ou eliminação sejam julgados.

Esses aspectos de culpabilização e atribuição de vilania à determinado personagem é observado nos exemplos a seguir. O Diário de S. Paulo, em sua capa do dia 09 de julho de 2014⁶, após a derrota e eliminação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do referido ano, exhibe uma foto de Felipão, então técnico da Seleção, com as mãos na boca, em sinal de desolação, seguida da manchete “Felipão erra e o Brasil é humilhado”. Após a manchete, apresenta-se o seguinte texto: “Técnico faz lambança na escalação e coloca em campo um time atordoado [...]”. De Caxias do Sul, o jornal Pioneiro⁷ apresenta a foto do técnico mostrando os sete dedos das mãos e a manchete: “O fiasco de Felipão”. É válido notar que, nas narrativas destes jornais, o erro ou o fiasco é de Felipão e não da Seleção Brasileira. A apresentação do técnico como um

⁶Diário de S. Paulo, São Paulo, 09 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.b9.com.br/50229/brasil/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

⁷Pioneiro, Caxias do Sul, 09 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.b9.com.br/50229/brasil/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

personagem vilânico fica ainda mais evidente na capa do jornal O Dia⁸, a partir da manchete: “Vá pro inferno você, Felipão”. Ao lado da foto do técnico, há o seguinte texto: “Ele ganha cerca de R\$ 1 milhão por mês, é o maior garoto-propaganda do país, não treinou, escalou mal e substituiu errado. Foi responsável pela pior humilhação da Seleção em mais de um século de história. Semana passada, questionado sobre suas atitudes, ele disse: *Vou fazer do meu jeito, Gostou, gostou. Quem não gostou vá pro inferno*”. Fica evidente, diante de tais exemplos, a vilania atribuída a Felipão, que foi culpado pela derrota e pela “pior humilhação da Seleção em mais de um século de história”. Percebe-se, ainda, o tom dramático e trágico da derrota e da eliminação, atribuído pela narrativa jornalística.

A cultura do excesso⁹ nas narratividades do jornalismo esportivo refere-se à quando o espetacular e o sensacional ganham tons melodramáticos. Isso quer dizer que tais narrativas geralmente recorrem ao drama e a emotividade, de modo que os sentimentos, base das estruturas melodramáticas, constituem as construções narrativas mediadas tanto pela dor (quando da derrota) quanto pelo riso (quando da vitória).

No primeiro caso, figuram, na imprensa esportiva, um cenário de desespero, vergonha e desolação, ilustradas por imagens de torcedores e jogadores aos prantos. Dessa forma, as derrotas geralmente tornam-se massacres, tragédias e humilhações e, ao serem noticiadas, enfatizam a desolação e a tristeza dos envolvidos.

De acordo com Costa (2008) e Lanza (2008), é recorrente a dramatização da notícia esportiva, em um constante processo teatral e novelesco. Utilizando-se de estratégias que convidam à mobilização sentimental, as notícias esportivas são carregadas de emoção, marcadas pela polarização entre virtude e vilania, e cenas eivadas de dramaticidade.

A derrota para a Alemanha, na Copa do Mundo de 2014, por exemplo, se transformou em vexame, tragédia e massacre, recebendo, inclusive, um termo específico “Mineiraço”, “Mineirazo”, ou ainda “Mineiratzen”¹⁰. O caderno de Esporte da Folha de

⁸ O Dia, Rio de Janeiro, 09 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.b9.com.br/50229/brasil/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

⁹ O excesso liga o melodrama a uma matriz de narrativas populares de diversas ordens, como o jornalismo (BALTAR, 2007). Deve ser entendido como articulação da narrativa, que impulsiona reações emotivas e sensoriais.

¹⁰ Termos usados para referir-se à derrota sofrida – por 7 a 1 – pela Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2014 contra a Seleção Alemã de Futebol. A partida ocorreu no estádio do Mineirão, em

S. Paulo¹¹ noticiou o 7x1 e a eliminação da Seleção Brasileira como a “Catástrofe do Mineirão”, evidenciando que “[...] a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação. A seleção brasileira conheceu, neste 8 de julho, a pior derrota jamais sofrida em sua trajetória centenária”. Do mesmo modo, o Correio Braziliense¹² apresentou, em sua primeira página, diversas fotos de torcedores, técnico e jogadores com as mãos no rosto, em cenas lacrimosas e de completa tristeza e desespero. Ao centro das fotos, apresentava-se a manchete: “Um vexame para a eternidade”, seguida de um texto, de autoria de João Valadares, que explora essa atmosfera de tristeza, decepção e drama: “[...] ontem morremos. E não foi morte morrida. Foi morte matada mesmo, meu caro João Cabral de Melo Neto. De tão dolorida que não se entende. [...] Um país inteiro tonto, zozno numa roda de bobo, que nos levava sempre ao inferno. E o inferno não eram os outros. O inferno somos nós. Só ontem o visitamos sete vezes. E por lá vamos permanecer por muito tempo”.

A partir disso, destaca-se que a cultura do excesso no jornalismo esportivo contemporâneo é marcada pela estrutura dramatizada que explora os sentimentos e as emoções e transforma os fatos em tragédias, explorando os estados catárticos e a espetacularização.

É, pois, a partir da moral oculta e da cultura do excesso, que as narrativas jornalísticas esportivas da contemporaneidade se ligam à imaginação melodramática. Neste sentido, o conceito de imaginação melodramática permite análises pertinentes de diversas narrativas não tradicionalmente vinculadas ao gênero, como é o caso do jornalismo, e que se situam no melodramático, tanto pela dramatização dos fatos e eventos esportivos, quanto pela polarização ou intensidade dos sentimentos, em que tais excessos tonam as notícias mais espetaculares.

Belo Horizonte. Os termos surgiram por comparação com o Maracanaço/Maracanazo, outra derrota da Seleção Brasileira de Futebol na Copa de 1950, no Brasil.

¹¹ CATÁSTROFE no Mineirão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 09 jul. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/09/20>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

¹² Correio Braziliense, Brasília, 09 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.b9.com.br/50229/brasil/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

Considerações finais

A discussão empreendida articula os elementos utilizados pelo jornalismo esportivo contemporâneo com as estruturas da imaginação melodramática, a saber a moral oculta e a cultura do excesso, e permitem a compreensão do jornalismo e sua intersecção entre ficção e não-ficção, localizada no plano do imaginário.

Ao apontar essa aproximação não se quer dizer que o discurso jornalístico em geral, e especificamente o esportivo, deva ser tomado como ficcional, uma vez que as notícias constituem-se como um sistema simbólico singular que entremeia real e imaginário. Sobre isso, Motta (2002a, p. 15) explica que pela sua natureza ritualística e enquanto sistema simbólico, as notícias se aproximam de narrativas teológicas, no entanto, elas não deixam de ser relatos de verossimilhança, porque é “esse compromisso com a história que lhes confere credibilidade para continuar contando e repetindo os temas arquetípicos, que lhes assegura a legitimidade para instalar-se como fonte”.

A partir das discussões teóricas apresentadas, evidencia-se que as narrativas jornalísticas esportivas precisam ser entendidas enquanto mecanismos que constroem os fatos e eventos esportivos, dando-lhes novas roupagens e investindo-os, muitas vezes, de uma dimensão fabulatória e dramática (COSTA, 2008). Lançando mão de recursos narrativos, como a moral oculta e os excessos, os meios de comunicação utilizam os sentimentos como elemento central, daí as notícias marcadas pela dramatização e espetacularização.

Neste sentido, essa discussão bibliográfica nos permite apontar que o jornalismo esportivo contemporâneo filia-se à imaginação melodramática, a partir do exagero nas expressões de sentimentos, acrescidos da personificação dos atletas, do uso de oposições valorativas e da culpabilização – quando da derrota. Tais características assumem como finalidade um fazer sentir.

Referências

ANDRADE, R. M. B. **O fascínio de Scherazade**: os usos sociais da telenovela. São Paulo: Annablume, 2003.

BACCEGA, M. A. Discurso da comunicação: encontro entre ficção e realidade. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 12, n. 3, p. 23-34, set./dez. 2007.

BALTAR, M. **Realidade lacrimosa**: diálogos entre o universo do documentário e a imaginação melodramática. 278f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

BOLDRIN, M. M. **A imaginação melodramática no Jornal Nacional**. 118f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

BORELLI, V. Jornalismo como atividade produtora de sentido. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Portugal, 2005.

BROOKS, P. **The melodramatic imagination**. New Haven and London: Yale University Press, 1995.

BUITONI, D. S. Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Outras leituras**: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem inteligente. São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

COSTA, L. M. Alteridades imaginadas. As narrativas da derrota e os vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. Mídia e identidade nacional. In: Anais do 36º Encontro Anual da Anpocs, 2012, em Águas de Lindóia. **Anais do 36º Encontro Anual da Anpocs**. São Paulo: Anpocs, 2012.

_____. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. 158f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Notícias esportivas. Entre o jornalismo e a literatura. In: SILEL – XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística, 2011, Minas Gerais. **Anais do SILEL**. Minas Gerais: SILEL, 2011.

_____. Um teatro de sensações. Imprensa esportiva, melodrama e folhetim. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 92-110, 2010.

GUEDES, S. L. O salvador da pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 23-41, 1995.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

HELAL, R.; CABO, Á.; MARQUES, R. G. Idolatria nos jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n.13, v.2, p. 33-44, 2009.

LANZA, S. M. **As narrativas jornalísticas**. Memória e melodrama no folhetim contemporâneo. 156f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MOTTA, L. G. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. *In: XXVIII INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2005, Rio de Janeiro. **Anais XXVIII Intercom**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005b.

_____. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Contracampo**, (UFF), Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 23-49, 2005a.

_____. Para uma antropologia da notícia. *In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 25, n. 2, jul./dez. 2002.

OLEGÁRIO, L. Retórica do Imediato: velocidade e narrativa melodramática no telejornalismo. *In: XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação*, 2015, Porto Alegre. **Anais Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação do UniRitter**. Porto Alegre: UniRitter, 2015.

RIBEIRO, R. R.; SILVA, A. L. Imaginação melodramática, cultura e estética televisivas: uma leitura triádica do folhetim na TV. *In: Culturas Midiáticas*, Paraíba, ano 7, n. 12, p. 16-29, jan./jun. 2014.

SINGER, B. **Melodrama and modernity**. Early sensational cinema and its contexts. New York: Columbia University, 2001.

SOUSA JUNIOR, W. Apropriações melodramáticas: o caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. *In: Comunicação & Educação*, São Paulo, ano 11, n. 2, p. 197-206, mai./ago. 2006.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

_____. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VOGEL, D. I. A ficção do relato jornalístico. **Caligrama**, São Paulo, v. 1, p. 8, 2005.